

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM SÃO LUIZ GONZAGA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

JESSICA MORAES DA SILVA

APRENDENDO COM UM MENINO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO

SÃO LUIZ GONZAGA

2021

JESSICA MORAES DA SILVA

APRENDENDO COM UM MENINO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^aDr.^a Viviane Maciel Machado Maurenre

SÃO LUIZ GONZAGA

2021

JESSICA MORAES DA SILVA

APRENDENDO COM UM MENINO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^aDr^a. Viviane Maciel Machado Maurenre

Aprovado em: 18 /01 /2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof.^a. Dr^a. Viviane Maciel Machado Maurenre

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^a. Arisa Araújo da Luz

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Mestranda do PPGED/Uergs. Alice Pisoni

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/PPGED

Agradecimentos:

Primeiramente a Deus por ter me dado força e coragem durante esta caminhada.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a. Viviane Maciel Machado Maurenre pela paciência, por todos os conhecimentos passados a mim e por sempre me fazer acreditar que tudo daria certo.

Aos meus familiares que sempre acreditaram no meu potencial, mas em especial a minha mãe que dedicou seu tempo e seu apoio para que eu concluísse mais esta etapa.

Aos participantes deste estudo que foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade em participar da mesma.

RESUMO

O transtorno do espectro autista é muito complexo e apresenta suas características já nos primeiros anos de vida, sendo assim é essencial que tanto os pais, quanto os professores que irão receber crianças que apresentam traços de autismo tenham conhecimento e propriedade sobre o mesmo. Essa pesquisa traz como objetivo geral compreender como ocorreu a interação social de uma criança autista no cotidiano da escola. E dividiu-se em três objetivos específicos: - estudar sobre o espectro autismo; - verificar o que as pesquisas acadêmico-científicas estão discutindo acerca das interações sociais de crianças com espectro autismo no cotidiano escolar; - conhecer a história de um aluno com espectro autismo a partir do olhar da inclusão social na escola. Utilizou como metodologia a pesquisa qualitativa de tipo estudo de caso. O caso estudado foi um menino de três anos e meio, residente do município de Santo Antônio das Missões, que frequenta a educação infantil, a mãe dele que foi fundamental na entrevista, levando em conta que ele não se comunica e uma professora da APAE do município que acompanhou a inclusão social desse aluno na escola. Os resultados mostram que tanto para a família e para a professora o conhecimento sobre o autismo, as preferências e gostos, respeito ao tempo e principalmente paciência foram e são fundamentais para a sua inclusão social. A pesquisa mostrou a realidade da inclusão social de um aluno com espectro autismo na educação infantil e o quão importante é conhecer sobre a deficiência a fim de proporcionar uma melhor qualidade de vida e inclusão social.

Palavras-chave: Autismo. Escola. Estudo de caso.

ABSTRACT

Autism spectrum disorder is very complex and presents its characteristics in the first years of life, so it is essential that both parents and teachers who will receive children who have traces of autism knowledge and ownership of it. This research has as a general objective to understand how there was a social interaction of an autistic child in the daily life of the school. And it was divided into three specific objectives: - to study about the autism spectrum; - verify what academic-scientific researchers are discussing about the social interactions of children with autism spectrum in school daily life; - know the story of a student with an autism spectrum from the perspective of social inclusion at school. Use qualitative study of case research methodology. The case studied was a boy of three and a half years old, resident of the municipality of Santo Antônio das Missões, who attends early childhood education, his mother who was instrumental in the interview, taking into account that he does not communicate and a teacher at APAE do municipality that accompanied the social inclusion of this student in the school. The results show that for both the family and the teacher, knowledge about autism, the best and most tastes, respect for time and especially patience are and are fundamental for their social inclusion. The research revealed the reality of the social inclusion of a student with an autism spectrum in early childhood education and how important it is to know the disability in order to provide a better quality of life and social inclusion.

Keywords: Autism. School. Case study.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 CONHECENDO SOBRE O ESPECTRO AUTISTA.....	10
2.2 O ESPECTRO AUTISTA E A ESCOLA.....	13
2.3 INTERAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA	18
3. METODOLOGIA	21
3.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	21
3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	22
3.3 O CASO ESTUDADO.....	23
3.3.1 SUJEITOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA.....	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1 CONHECENDO O CASO ESTUDADO.....	25
4.2 A ENTRADA NA ESCOLA DE UM ALUNO COM TEA.....	28
4.2.1 Para os Pais.....	28
4.2.2 Para a professora.....	29
4.3 DESAFIOS DE UMA PROFESSORA AO RECEBER UM ALUNO COM TEA....	29
4.4 INCLUSÃO SOCIAL DE UM ALUNO COM TEA NA ESCOLA.....	30
4.5. PUBLICAÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS SOBRE O ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA.....	35
5. CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	45

Apêndice A.....	45
ANEXOS.....	47
Anexo A.....	47
Anexo B.....	48

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da UERGS, Unidade em São Luiz Gonzaga e traz como tema de aprofundamento o Transtorno Espectro Autismo (TEA). Traz como situação problema: A escola como campo de interações sociais está contribuindo para a inclusão de crianças com espectro autista?

O interesse pelo referido tema surgiu a partir da curiosidade em estudar mais sobre o espectro autismo, em decorrência do componente curricular “Dificuldades de Aprendizagem” do Curso de Pedagogia, e, por considerá-lo relevante para minha formação como educadora. Outro aspecto é por presenciar essa realidade trabalhando diretamente com uma criança com TEA.

O autismo já foi visto como uma doença, hoje em dia é visto como um transtorno mental muito complexo, o qual tem suas características percebidas já nos primeiros anos de vida. Também, quando a criança não atinge os marcos evolutivos que se esperam para a sua idade, muitas vezes não falam, não interagem, nem caminham na idade esperada, são muito fiéis a rotina, podendo ficar muito irritados quando ocorre qualquer mudança no seu dia a dia.

Depois que comecei a ler sobre esse tema, observei que o número de casos de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. Conforme literatura estudada, esse transtorno costuma ser identificado na infância, geralmente entre 1 ano e meio e 3 anos, porém, certas vezes os sinais aparecem já nos primeiros meses de vida.

Percebi que as pessoas que possuem esse transtorno geralmente acabam sendo excluídas da sociedade pelo fato de possuírem muita dificuldade em interagir e em demonstrar suas emoções. Os professores que atuam na Educação Básica precisam avançar seus conhecimentos em relação ao TEA, ampliando o repertório pedagógico em um trabalho compartilhado com as salas de recursos. É por isso que julgo importante para minha formação inicial pesquisar sobre esse tema, a partir de um estudo de caso.

O estudo de caso compreende o estudo aprofundado que pode ser realizado com um indivíduo, um grupo, uma organização ou um fenômeno e pode ser aplicado nas mais diversas áreas do conhecimento como destaca Gil (2007, p. 58).

A partir do problema, e, para melhor definição dos caminhos a serem tomados na pesquisa elaborou-se o seguinte objetivo geral compreender como ocorreu a interação social de uma criança autista no cotidiano da escola. E objetivos específicos: - estudar sobre o espectro autismo; - verificar o que as pesquisas acadêmico-científicas estão discutindo acerca das interações sociais de crianças com espectro autismo no cotidiano escolar; - conhecer a história de um aluno com espectro autismo de a partir do olhar da inclusão social na escola.

A composição dos objetivos específicos me levou a uma pesquisa qualitativa de tipo estudo de caso, que tem como escopo os seguintes subcapítulos: Conhecendo sobre o Espetro Autista; O Espetro Autista e a Escola; Interações sociais de crianças Espetro Autista na Escola; Metodologia; Resultados e Discussões; Conclusão; Referências e Anexos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONHECENDO SOBRE O ESPECTRO AUTISTA

Para iniciar este subcapítulo, destaco a definição de Transtorno do Espectro Autista conforme Gayato e Teixeira trazem em seu livro O Reizinho Autista (2018, p. 13):

Podemos definir o autismo ou transtorno do espectro autista como uma condição comportamental em que a criança apresenta prejuízos ou alterações básicas de comportamento e interação social, dificuldades na comunicação, por exemplo, na aquisição de linguagem verbal e não verbal; alterações na cognição e presença de comportamentos repetitivos e estereotipados.

O número de casos de autismo vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. Brites, C.; Brites, L. (2019) mostram alguns dados para comprovar esse aumento quando comparado aos anos 1980-1990, nesses referidos anos a proporção era de que a cada 2 mil crianças nascidas, 1 tinha autismo, enquanto hoje esse número é de 1 criança com o transtorno a cada 51 nascidas, a estimativa é que 1% da população mundial tenha autismo.

Bianchi (2017) traz alguns comportamentos que são comuns entre a maioria dos indivíduos que possuem o TEA, como por exemplo: o retraimento e isolamento diante das outras pessoas, a falta de contato visual direto, a resistência ao contato físico, a resistência ao aprendizado, a falta da demonstração de medo diante de

reais perigos, comportar-se como se fosse surdo, as birras, o desconforto com mudanças na rotina, agitação excessiva, calma excessiva, apego exagerado por objetos, movimentos repetitivos, sensibilidade a barulhos e falta de interesse por brincadeira de faz-de-conta.

A cartilha institucional do Instituto Federal Paraíba (2017, p. 3) diz que é comum que as pessoas com TEA desenvolvam comportamentos repetitivos e interesses focalizados muito específicos, podendo haver também desmodulação sensorial (grande sensibilidade a cheiros, sons, luzes, texturas e sabores). Vale ressaltar que ter TEA não significa que a pessoa apresentará todos esses aspectos juntos, nem com a mesma intensidade, todos os casos se diferem entre si.

Segundo a AMA (Associação de Amigos do Autista) quanto mais cedo for iniciado o acompanhamento da criança, melhor pode ser o desenvolvimento da mesma, o diagnóstico é essencialmente clínico, realizado por meio de observação do comportamento do paciente e de conversas com os pais ou responsáveis, ainda segundo a AMA, por volta dos 18 meses os característicos sintomas do TEA já estão visíveis, sendo possível um diagnóstico. A AMA também traz que “o tratamento do autismo envolve as intervenções de médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e educadores físicos além da imprescindível orientação aos pais ou cuidadores”. A AMA ainda ressalta que nenhum autista é igual ao outro, portanto “é altamente recomendado que uma equipe multidisciplinar avalie e desenvolva um programa de intervenção personalizado” AMA (Associação de Amigos do Autista).

Os autores Nogueira e Mendes (2018, p. 99) destacam a importância da estimulação e de ser feita uma intervenção precoce quando trazem que:

Se mantivermos a criança com TEA sem a estimulação adequada, ou seja, se esperarmos, por exemplo, “a fala vir em seu tempo” (que é uma argumentação frequente ainda hoje, dentre alguns profissionais de saúde), ela passa a perder oportunidades de aprendizado a todo tempo. Ela pode estar aprendendo uma série de coisas em seus interesses específicos, por exemplo, observando atentamente e por horas a fio a água correndo da mangueira, experimentando a pressão da água, a relação com refração da luz, etc., porém, essas são informações pouco partilháveis socialmente.

Os autores ressaltam ainda que “enquanto isso, sem que aprenda imitação, contato visual e atenção conjunta, essa criança não aprenderá novos e importantes conteúdos para a inserção social plena” (NOGUEIRA; MENDES, 2018, p. 98). Os autores Nogueira e Mendes (2018) trazem também que é necessário apoiar essas crianças com intervenção precoce suficiente para que possam usar estratégias

básicas para aprender de forma independente, mútua e feliz em seu próprio potencial e singularidade.

Brites, C.; Brites, L. (2019) assim como os autores anteriormente citados, destacam a importância de se descobrir cedo o autismo para que tanto os familiares quanto a própria pessoa com o transtorno estejam preparados para as instabilidades que irão ocorrer, os autores ressaltam que a identificação precoce e a aprendizagem de como trabalhar corretamente com essas crianças é a principal forma de alcançar os avanços desejados.

Gallo (2017) destaca a procura pelo avanço na descoberta do diagnóstico precoce e a busca pelas formas de facilitar o desenvolvimento das pessoas com TEA, destaca também que para que isso ocorra é necessária uma série de recursos materiais e humanos. De acordo com a pesquisadora, fica evidente que o diagnóstico precoce poderá facilitar a vida da criança com TEA, bem como o conhecimento de sua família sobre esse transtorno mental. É de suma importância que as pessoas que convivem diretamente com pessoas que possuam o transtorno conheçam o mesmo, até para saber lidar com as instabilidades que esse indivíduo poderá apresentar.

O autismo já foi visto como uma doença, hoje em dia é visto como um transtorno mental muito complexo, o qual tem suas características percebidas já nos primeiros anos de vida. Também, quando a criança não atinge os marcos evolutivos que se esperam para a sua idade, muitas vezes não falam, não interagem, nem caminham na idade esperada, são muito fiéis a rotina, podendo ficar muito irritados quando ocorre qualquer mudança no seu dia a dia. Conforme a criança vai crescendo, tendem a ficar notórias as dificuldades de se relacionar com as demais. “Muitas vezes essas dificuldades de relacionamento e interação social nos dão a impressão de que a criança está fechada dentro de seu mundo particular e não consegue socializar com outras pessoas” (GAYATO; TEIXEIRA, 2018, p. 13).

Durante a década de 1950 as mães foram culpadas e responsabilizadas pela condição do filho com autismo, sendo chamadas de mães-geladeira como destacam Borges e Werner (2018), mulheres que foram levadas a pensar que tinham culpa por seus filhos apresentarem comportamento de auto-agressão, ausência de fala, ou crises desencadeadas sem causa aparente, eram acusadas de não ter dado amor suficiente a criança, por terem rejeitado a maternidade “inconscientemente”. Mas com o passar do tempo “de vilãs, as mães perceberam que seu papel seria

fundamental para auxiliar o filho a se desenvolver” (BORGES; WERNER, 2018, p.19). Os autores destacam ainda que as famílias das crianças com TEA passaram da culpa à ação e tiveram um papel transformador através do amor.

Como trazem os autores Borges e Werner (2018) é de suma importância que os pais das crianças no espectro sejam ouvidos e respeitados. A parte do acolhimento e de ter essa sensibilidade nas escolas cabe aos professores. “Muitas famílias lidam com uma carga de stress diário que é equivalente a uma situação de guerra. Elas são responsáveis pelos tratamentos, pelas noites mal dormidas, pelas preocupações com o futuro... Esta já é uma carga pesada demais” (BORGES; WERNER, 2018, p.30). É crueldade e irresponsabilidade culpar as famílias por uma condição comprovadamente genética.

Borges e Werner (2018) trazem que se hoje em dia os profissionais estão se preparando melhor e as escolas estão investindo na inclusão, é mérito das mães que se uniram para tentar deixar o mundo de seus filhos melhor. Portanto, é necessário sempre levar em conta toda a bagagem que esses pais ou responsáveis trazem consigo, acolher essas famílias e trabalhar em conjunto, essa parceria entre família e escola será benéfica para todos, principalmente para a criança.

2.2 O ESPECTRO AUTISTA E A ESCOLA

Ao nos depararmos com uma criança com o diagnóstico de TEA na escola é preciso pensar que todas são diferentes e que cada uma, independente de suas dificuldades, são únicas. Únicas porque são puras, alegres e cheias de vida. Nosso dever enquanto professor é preservar e cultivar essas qualidades.

Gayato e Teixeira (2018, p.101) trazem em seu livro O Reizinho Autista, os principais sintomas que a criança com TEA pode demonstrar na escola e que o profissional da educação deve ter conhecimento:

- Evita contato visual com a professora;
- Parece “ignorar” os comandos individuais e coletivos;
- Mexe ou quer materiais mesmo fora do momento adequado para aquela atividade;
- Não dá “tchau”;
- Sai da roda, parece não compreender o contexto como os outros alunos;
- Não entende jogos sociais como pega-pega ou esconde-esconde;
- Brinca pouco com as outras crianças;
- Tem interesse restrito em alguns brinquedos ou material. Muitas vezes quer ficar segurando um objeto o tempo todo, sem guardar na hora solicitada;
- Tem crises de raiva com pequenas mudanças na rotina.

Acredito que a partir do momento que o professor recebe um aluno com autismo em sua sala de aula, é importante ter consciência dos comportamentos que essa criança poderá apresentar, até para estar apto a lidar com possíveis situações difíceis que poderão ocorrer no dia a dia, geralmente o profissional não recebe capacitação suficiente durante sua formação, sendo preciso ir atrás desse conhecimento e se aprofundar por conta própria para aprender a trabalhar com esses alunos.

“Em 2012 foi aprovada no Brasil a Lei nº 12.764 que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista” (BORGES; WERNER, 2018, p.21). Essa lei ficou conhecida como Lei Berenice Piana, onde a pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo passou a ser vista no Brasil de forma mais respeitosa. No art. 3º da Lei, afirma-se que são direitos da pessoa com TEA:

- I- a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;
- II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;
- III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
- b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;
- IV - o acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante; b) à moradia, inclusive à residência protegida; c) ao mercado de trabalho; d) à previdência social e à assistência social (SANTOS; VIEIRA, 2017, p. 7).

“As professoras possuem um papel essencial para assegurar a inclusão das crianças” (FERREIRA, 2017) e por isso a pesquisadora traz que é necessário que elas tenham meios de ensinar que funcionem para que essa criança aprenda e se desenvolva realmente. “Deve-se aproveitar o máximo possível de tempo que a criança/adolescente passa na escola para trabalhar as habilidades importantes para sua evolução” (BARBOSA; ANDRADE, 2018, p. 132) os autores ainda ressaltam que as intervenções feitas podem ser muito positivas, levando em conta que a escola proporciona oportunidades práticas para o desenvolvimento de importantes habilidades para a interação com a sociedade. A criança passa cerca de metade do dia na escola, sendo imprescindível aproveitar esse tempo para estimular o desenvolvimento desses alunos.

Guimarães (2017) resalta que uma inclusão quando mal sucedida acaba causando inúmeros prejuízos para o aluno com TEA, aumentando ainda mais as

chances de ocorrer isolamento, rejeição aos colegas e pouca interação social, por isso a importância do planejamento das ações inclusivas. Nesse contexto o professor deve ser capacitado e precisa do apoio de um profissional especializado para aprender a lidar com algumas situações que poderão ocorrer com o aluno com TEA em sala de aula, considerando que cada criança expressa o autismo de modo diferente. Cabe ao professor buscar meios para estimular esse aluno, buscando o seu desenvolvimento e sempre respeitando seus limites.

Ferreira (2017, p. 26) traz que:

O suporte à efetivação da inclusão do aluno com autismo é dado pelo professor do AEE que, com base em avaliação inicial, identifica suas potencialidades/limitações e possíveis barreiras que possam ser superadas por meio da proposta/plano de AEE.

“No entanto, todos, familiares, professoras, pedagogos, profissionais de apoio, técnicos da secretaria devem ocupar-se de seu processo de escolarização (e o acesso a ele), numa proposta de ação articulada entre ambos os serviços” (FERREIRA, 2017). A pesquisadora traz ainda que o trabalho em conjunto desses profissionais é essencial, cada um na área em que atua deve proporcionar diariamente para esse aluno experiências que visem ampliação das aprendizagens e que “sejam passíveis de ser generalizadas pelo aluno em outros ambientes que não só a escola” (FERREIRA, 2017). “A inserção da criança deve ser acompanhada de um trabalho pedagógico a ser realizado junto às escolas regulares para que sejam capazes de apoiar, facilitar e melhorar o desenvolvimento deste educando” (FERREIRA, 2017).

Ferreira (2017) traz também que é função da escola fazer um trabalho pensando no desenvolvimento integral das crianças “rompendo, portanto com padrões que classificam e predeterminam as possibilidades de desenvolvimento das crianças a partir de suas supostas limitações” (FERREIRA, 2017). A pesquisadora ressalta que o preparo do professor para lidar com o aluno diagnosticado com autismo é essencial, “especialmente na etapa da Educação Infantil, que prima pelo desenvolvimento motor, cognitivo, pela socialização, desenvolvimento de habilidades e promoção da autonomia” (FERREIRA, 2017).

Guimarães (2017) destaca que quando a inclusão é implementada com sucesso a interação social das crianças com TEA em sala de aula comum pode ser muito boa. A socialização com os colegas em sala de aula proporciona uma

sensação de bem-estar e um avanço significativo na compreensão das situações propostas pelo professor, seja algo simples ou algo mais complexo.

Gonzaga e Borges (2018) destacam que alguns professores costumam passar atividades que já foram dadas nos anos anteriores para os seus alunos com autismo, dando-lhes conteúdo sem planejamento, como por exemplo: desenhos para colorir, só para passar o tempo. Os referidos autores ainda destacam que essas atividades quando não planejadas, não correspondem à adaptação ou flexibilização curricular, esclarecem que “flexibilizar o currículo é levar em conta as capacidades do aprendiz e não as desconsiderar. E para conhecer as capacidades do aluno é essencial realizar uma avaliação pedagógica” (GONZAGA; BORGES, 2018, p. 166).

Gallo (2016) vem ao encontro do pensamento dos autores citados anteriormente quando salienta em sua dissertação a importância dos professores e demais profissionais reverem as propostas oferecidas, visto que o método de ensino muitas vezes é aplicado igualmente para todos. Muitas vezes em virtude do atual sistema educacional que não tem estrutura para atender as necessidades de cada um e de levar em conta as diferenças existentes entre os indivíduos, com isso as práticas educativas acabam sendo as mesmas para todos.

Guimarães (2017) destaca que a partir da Lei 12.764/2012 as crianças com TEA têm direito a acompanhante especializado na escola, quando comprovada a necessidade, sendo função desse profissional orientar o estudante com TEA em atividades de rotina na sala comum nas quais o mesmo não consegue se organizar sozinho, tais como: acompanhamento do aluno nos espaços da escola, organização dos materiais dispostos para o aluno com TEA, acomodação em sala, ajuda na hora do lanche. Na citação a seguir, trazida de sua dissertação pesquisadora exemplifica:

Dentre as necessidades de apoio demandadas por crianças com TEA no contexto escolar, encontram-se por vezes: auxílio para se vestir e para higiene após as necessidades fisiológicas e ajuda na hora do lanche que vai desde a colocação do suco no copo até o equilíbrio desse copo ao segurar enquanto se alimenta, quando em presença de dificuldades motoras. Esses auxílios independem da faixa etária da criança com TEA e estão mais relacionados ao grau de comprometimento de cada criança individualmente (GUIMARÃES, 2017, P. 38).

Guimarães (2017) explica que esse profissional deve ser um facilitador na mediação das aulas e na realização das tarefas, fazendo com que a criança com TEA realmente participe das atividades propostas. O que muitas vezes não é possível quando o professor regente da turma não tem essa pessoa para auxiliá-lo,

pois esse aluno muitas vezes pode necessitar de muita ajuda e não tem como o professor dar atenção somente para aquele aluno, quando tem o restante da turma também para atender. Esse profissional em sala de aula tornaria a vida escolar desse aluno mais significativa, conseqüentemente ajudaria o professor a construir novas estratégias de mediação.

Gonzaga e Borges (2018) complementam o que traz Guimarães, trazendo a importância de ser feito um diagnóstico pedagógico, para que assim seja possível saber se “as alterações curriculares deverão ser de grande porte ou de pequeno porte” (GONZAGA; BORGES, 2018, p. 168). Essa primeira avaliação dirá se o aluno precisará ou não de um mediador, “o profissional de apoio que está previsto na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), sancionada em 2016” (GONZAGA; BORGES, 2018, p. 168). Os referidos autores ressaltam que “nem toda criança necessitará de mediação. Outras necessitarão por um período de tempo. Outras ainda, por todo o percurso escolar”. Segundo os autores o mediador sempre que achar possível deve reduzir o nível de suporte dado à criança, para que ela possa assim aprender a ter autonomia.

O foco está em fazer com que a escola crie mecanismos para promover as adaptações necessárias à inclusão do aluno, às suas necessidades educacionais, às suas dificuldades e potencialidades, a instituição deve ainda intervir para mediar situações de contato social, buscando sempre o desenvolvimento pleno do aluno. (BIANCHI, 2017, P. 32)

Bianchi (2017) ainda ressalta que é dever da escola se organizar para receber e atender esses alunos, oferecendo todas as condições necessárias para a sua aprendizagem, garantindo uma educação de qualidade para todos.

Abi-Habib (2018, p. 145) traz que:

O professor precisa lidar em sala de aula com alunos que apresentam dificuldades de interação social, a dificuldade com o novo, hipersensibilidades, hiper foco em áreas restritas de interesse, interpretação literal da comunicação oral e escrita, entre outras, dificuldade de acessar conceitos muito subjetivos, objetividade das respostas, dentre outros.

“E se o professor não tiver conhecimento sobre essas características, pode comprometer a avaliação e o desempenho da vida escolar desse aluno” (ABI-HABIB, 2018, p. 145).

Para Gonzaga e Borges (2018, p. 184) “a educação da criança com transtorno do espectro autismo é um desafio possível”. Apenas sua forma de compreender o mundo é diferente da forma da maioria das pessoas. “Neste sentido, a tão almejada “educação para todos” precisa se organizar de forma a reconhecer

as especificidades dos sujeitos, as características singulares de “cada um” (GONZAGA; BORGES, 2018, p. 184).

Para que haja de fato a inclusão é necessário levar em conta que toda criança com TEA será diferente da outra, cada uma terá suas dificuldades e facilidades, daí a necessidade de o professor conhecer cada um de seus alunos, para conseguir trabalhar as suas dificuldades e fazer com que sejam superadas.

2.3 INTERAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA

Iniciarei este subcapítulo trazendo uma citação da dissertação de Guimarães (2017, p.18) que acredito ser de grande relevância para demonstrar a importância das interações de crianças com TEA em sala de aula:

A interação das crianças com TEA em sala de aula comum, quando efetivada com sucesso, é de grande proveito para elas, proporcionando além do bem-estar devido ao sentimento de pertencimento e segurança, o avanço na compreensão das situações propostas em sala: seja brincadeira, rodinha de conversa, atividade pedagógica ou até mesmo a atitude na hora do lanche.

Quando há essa interação das crianças com TEA com os demais colegas e com os professores acaba ocorrendo à redução das diferenças e com isso começam a sentirem-se pertencentes àquele lugar e é com esses pequenos passos que se trilha o caminho para a inclusão. Como traz Guimarães (2017) a oportunidade da criança com TEA conviver com as outras da mesma faixa etária é muito válida, pois promove não só o desenvolvimento delas, também ajuda na questão da redução do isolamento das mesmas e os colegas a partir desse convívio passarão a compreender e respeitar as diferenças. “Quando a diversidade se contrapõe ao padrão, amplia-se a capacidade simbólica, a consciência e o respeito pelo diferente” (SANTOS, 2016). A interação social, as vivências e experiências em grupo colaboram, portanto, para a ampliação do conhecimento de mundo das crianças com TEA (GUIMARÃES, 2017).

Guimarães (2017) traz também que muitas vezes os demais colegas tentam se aproximar da criança com TEA, buscando uma interação e com isso podem ter uma resposta positiva ou negativa. “As crianças na escola, ainda estão em processo de aceitação das crianças com TEA em seu ambiente” GUIMARÃES (2017). E no momento em que essa criança com TEA tem uma instabilidade de humor, as demais

crianças geralmente tem duas reações, ou ficam com medo e se afastam ou querem se aproximar para tentar compreender o mundo do coleguinha “diferente”.

Ferreira (2017) vem ao encontro do pensamento dos autores citados anteriormente quando traz que “acredita-se que a inclusão escolar deve possibilitar à criança (pessoa) com autismo o encontro com outras crianças (pessoas), cada um com suas singularidades. A pesquisadora ainda ressalta que a partir do convívio e de relações com as outras crianças, a sala de aula estará proporcionando tanto vivências, quanto experiências.

Sabemos que sem a linguagem oral a compreensão das crianças com TEA fica centralizada no campo visual, ou seja, para que elas entendam, o professor deverá fazer uso de diversos componentes visuais que estimulem a compreensão. Isso implica na necessidade de promover recursos para que sejam mediadas as interações sociais em sala de aula (GUIMARÃES, 2017, P. 41).

Quando o professor tiver alunos com TEA em sala de aula é preciso que tenha o ambiente bem estruturado, pois caso contrário essa criança pode desenvolver um comportamento instável, podendo ficar muito irritada. “Nesses momentos é necessário acalmar, reconquistar, sair do lugar ambiente que provoca a irritação para somente depois, quem sabe, trazê-las de volta, tentando outra estratégia de interação” (GUIMARÃES, 2017).

Se a afetividade é fator central no desenvolvimento de uma pessoa que não possui a síndrome, para a pessoa com TEA a importância dessa afetividade é multiplicada, pois ela transborda em emoções, inesperadas ou não, juntamente com birras, gritos e comportamentos que a afastam das outras pessoas (GUIMARÃES, 2017, p. 34).

As crianças com TEA têm um excesso de emoções que podem ser boas ou ruins para as mesmas e para os que com ela convivem, podendo causar o seu afastamento das outras pessoas. É na escola que essas crianças poderão ter um melhor desenvolvimento de suas habilidades e uma maior interação social através de estímulos e de participação em experiências novas que ocorrerão em todas as etapas de sua vida escolar. “A partir do momento que a barreira da falta de compreensão das relações estabelecidas é rompida, a pessoa com TEA vai adquirindo habilidades que despertam nela o interesse pelo social” (GUIMARÃES, 2017).

Guimarães (2017) ressalta que a escola deve proporcionar situações de interação para fazer com que as pessoas com TEA consigam desenvolver tanto sua cognição, a partir do momento que participa e entende a importância das relações, e a afetividade quando consegue demonstrar suas emoções de maneira que seus

professores e colegas lhe entendam. Esse processo não será fácil, mas é necessário.

Guimarães (2017) traz que para promover as interações sociais de crianças com TEA, como grande parte delas possuem dificuldades na linguagem, a utilização de imagens pode facilitar o seu entendimento sobre as atividades propostas. “Outro recurso significativo para potencializar as interações sociais é o uso do material “concreto”, pois favorece tanto a visualização da proposta de trabalho, quanto a experiência através de outras sensações (táteis ou gustativas)” (GUIMARÃES, 2017) podendo assim ajudar a criança a assimilar o conhecimento.

Quando falamos em criança, a ludicidade também pode ser usada como ferramenta para ensinar os alunos com TEA, tendo em vista facilitar a sua interação social em sala de aula. Cabe ao professor buscar formas de ser um facilitador na aprendizagem desses alunos, compreendendo suas maiores dificuldades e buscando maneiras de superá-las.

“As interações sociais da pessoa com TEA são permeadas por dificuldades, pois o seu desenvolvimento emocional apresenta-se instável, ora com risos ora com choros inesperados” (GUIMARÃES, 2017), a pesquisadora ressalta ainda que por vezes, fica difícil para os que convivem com esse autista entender suas reações, pois em diversas vezes ele se fecha no seu mundo, se afastando da realidade. “Quaisquer mudanças na rotina da pessoa com TEA pode trazer desconforto e levar a criança ao desespero, o que por algumas vezes pode perturbar o convívio com outras pessoas” (GUIMARÃES, 2017) por isso se torna tão importante que as pessoas que interagem com crianças autistas tenham conhecimento sobre o TEA, “quanto maior o conhecimento acerca do autismo por parte das pessoas que interagem com tais crianças, maiores serão as possibilidades de intervenções mais precisas e, portanto, mais eficazes” (GUIMARÃES, 2017).

Também deve ser levado em consideração o grau de comprometimento do autismo que a criança apresenta, se é leve, moderado ou severo, pois quanto mais severo, mais complicada será a aproximação dela com as demais crianças e maior ainda será a necessidade de o professor buscar ser um facilitador na aprendizagem e desenvolvimento dessa criança.

Guimarães (2017) traz que os docentes reconhecem e trazem a formação continuada como necessária para que haja uma melhora nas interações sociais por parte das crianças com TEA, seus professores e colegas.

3. METODOLOGIA

3.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Esse trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da UERGS tem como abordagem a pesquisa de cunho exploratória, descritiva de tipo estudo de caso. A pesquisa qualitativa tem como principal fundamento em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados (VIERA; ZOUAIN, 2006; BARDIN, 2011). Assim, visa entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes, através da análise de experiências individuais e grupais, exame de interações e comunicações que estejam se desenvolvendo, assim como da investigação de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas) ou traços semelhantes de experiências e integrações (FLICK, 2009).

A pesquisa exploratória visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL, 1999, p. 43). Já a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987)

Toda a pesquisa teve um aporte teórico, portanto não se caracterizou como uma pesquisa bibliográfica, porém como o registro é importante, trago uma citação de Severino (2007) que a partir do:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122)

O estudo de caso segundo Gil (2002) consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outras metodologias. Nessa pesquisa o caso estudado foi um menino estudante da rede pública do município de Santo Antônio das Missões.

Também foi utilizada como fonte de coleta de dados a pesquisa no banco de dados de dissertações e teses da Capes de acordo com o descritor “inclusão social

de crianças autistas na escola”. Foi utilizado o período de 2015 – 2020, a fim de entender o que as pesquisas estão conversando acerca do tema desse trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia.

3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

O instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada (APÊNDICE A). As entrevistas segundo Gil (1999) podem ser definidas como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social”. É um diálogo em que o entrevistador busca coletar dados importantes para sua pesquisa e o entrevistado serve de fonte de informações. Gil (1999) faz um alerta que se deve ter cuidado para que o entrevistador não influencie ou interprete as respostas, apenas as reproduza e que não improvise.

Segundo Gil (1999) a entrevista estruturada “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número”. Já a entrevista semiestruturada de acordo com May (2004, p. 149) diferencia-se da entrevista estruturada por ter mais abertura, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção, mas, não se trata de deixá-lo falar livremente. O pesquisador deve sempre nortear a entrevista para que não se perca de vista o foco.

As entrevistas foram gravadas para posterior transcrição. E como análise de dados foi utilizada a análise descritiva com triangulação de dados (estudo empírico, referencial teórico e percepção da pesquisadora). Segundo Gil (2008), a análise descritiva é compreendida como aquela que possibilita a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações variáveis. São diversos estudos que podem ser classificados com esse título e uma de suas características mais significativa está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Com a estimuladora precoce (sujeito 1) foi agendado uma entrevista realizada através do Google Meet, primeiro porque a mesma não se encontrava na cidade, estava residindo no interior desde o início da pandemia e segundo pela questão do distanciamento social. Porém, com os pais do caso estudado (sujeito 2) como tenho bastante proximidade com a família, foi possível realizar essa entrevista

pessoalmente, respeitando as medidas do distanciamento social, tomando todos os cuidados, utilizando máscara e mantendo dois metros de distância.

O município em que a pesquisa foi realizada como já citado anteriormente foi Santo Antônio das Missões – RS, que é uma cidade pequena, onde há probabilidade maior das pessoas se conhecerem e se relacionarem mais.

3.3 O CASO ESTUDADO

O caso estudado é um menino de três anos e meio que reside no município de Santo Antônio das Missões, diagnosticado com TEA com cerca de dois anos e meio, como foi relatado na entrevista pela mãe, ele tinha como sintomas a ausência da fala e o pouco contato visual. O mesmo é uma criança inteligente, extremamente carinhosa e calma, gosta da rotina, mas não enfrenta problemas ao sair da rotina, não é agressivo e não tem estereotípias.

Está atualmente matriculado na educação infantil (maternal II) e conforme relato de sua mãe a adaptação do mesmo na escola regular foi muito tranquila, estava se adaptando bem, porém, em decorrência da pandemia do COVID-19 ele frequentou menos de um mês a escola. Diante da situação, sua mãe que é professora, desenvolve com ele muitas atividades em casa para estimulá-lo, tendo uma rotina de todos os dias fazer alguma atividade. Ele também está frequentando a APAE, onde os atendimentos continuaram, está tendo atendimento com a fonoaudióloga, a psicóloga e a fisioterapeuta e com isso está conseguindo muitos avanços na interação e na comunicação. A mãe foi muito importante para que a pesquisa fosse possível, o menino esteve junto o tempo todo durante a entrevista, porém, quem respondeu foi ela pelo fato de ele ter dificuldade na questão da fala.

Como o caso é um menino de três anos foi necessário realizar a entrevista com os pais e com a professora da escola. Contudo, ao iniciar a pesquisa a ideia foi de entrevistar a professora da turma em que o menino (caso da pesquisa) estava matriculado, porém, em decorrência da pandemia do COVID-19 ele acabou frequentando menos de um mês a escola. Nesse caso a professora não teve muito tempo para conhecê-lo. Em virtude desse evento optou-se por fazer a entrevista com a professora (estimuladora precoce) com quem ele tinha atendimentos regularmente na APAE do município durante o ano anterior (2019). O planejado também foi realizar todas as entrevistas pessoalmente, porém, diante do cenário da pandemia foi utilizado o Google Meet.

O município de Santo Antônio das Missões possui duas escolas de educação infantil e as mesmas não possuem Atendimento Educacional Especializado em suas dependências, por isso, quando há necessidade de atendimentos as crianças são enviadas para a APAE do município que trabalha com a estimulação precoce. Dessa escola que o menino estava matriculado havia mais quatro alunos que também eram atendidos na APAE. Durante o ano de 2020 mesmo com a pandemia eles tinham atendimentos com a fonoaudióloga, a psicóloga e a fisioterapeuta.

Na sala de aula da escola regular em que o menino estava matriculado, havia cerca de dezoito alunos, onde todos estavam em fase de adaptação e algumas crianças choravam bastante, então foi solicitado que a mãe conseguisse uma monitora para que pudessem realizar um trabalho melhor com ele, porém, como as aulas presenciais duraram menos de um mês por conta da pandemia, ele não chegou a ter essa pessoa para auxiliá-lo. Ele não recebia nenhuma atividade adaptada, o material disponibilizado para ele era o mesmo do restante da turma, tendo como recurso utilizado pelas professoras folhinhas que eram entregues para os pais semanalmente e alguns vídeos que as professoras gravavam e mandavam no grupo da turma, Contudo ele conseguia desenvolver bem essas atividades com o auxílio dos pais.

3.3.1 SUJEITOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA:

O sujeito 1 é uma professora especializada em estimulação precoce que atua na APAE do município de Santo Antônio das Missões, a qual teve atendimentos regulares com o menino durante o ano anterior (2019), a mesma tem 49 anos, fez Magistério em 2000, graduação em Pedagogia Habilitação em Educação Especial em 2007 e Pós-Graduação em Ações em estimulação Precoce no ano de 2013, está atuando há 21 anos (desde 2000) e quando iniciou sua vida docente, na sua primeira turma havia 3 alunos autistas.

Essa estimulação precoce que ela realizava com o menino era feita individualmente ou em duplas, em média os atendimentos tinham duração de 45 minutos a uma hora, dependendo da necessidade. É uma terapia que envolve a família, o estimulador orienta o responsável em diálogo permanente com o objetivo de conhecer a história e de vida e o cotidiano da criança.

O sujeito 2 são os pais do caso estudado, ambos têm 30 anos de idade e moram em Santo Antônio das Missões. A mãe é professora na APAE do município e

o pai trabalha em um escritório de contabilidade. Eles estão sempre lendo livros e fazendo cursos que envolvam autismo para entender o transtorno e assim compreender melhor o mundo do filho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o objetivo proposto que foi em compreender como ocorreu a interação social de uma criança autista no cotidiano da escola, esse capítulo versa sobre os resultados encontrados nas entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Importante destacar que para o conhecimento do caso estudado foi necessário realizar as entrevistas com os pais e a professora, por se tratar de uma criança de 3 anos de idade.

4.1 CONHECENDO O CASO ESTUDADO

Como já explicitado anteriormente o caso estudado é um menino de três anos e meio, que está em constante evolução, ele é muito inteligente e está sempre aprendendo coisas novas, adora tecnologias, se prende muito na televisão com desenhos e conteúdo que lhe chamam a atenção, quebra-cabeças adequados para sua idade, ele também monta com muita facilidade. Em relação às atividades escolares, com auxílio dos pais (em decorrência da pandemia do COVID-19, as atividades são feitas em casa) ele consegue realizá-las, pode-se dizer que com a estimulação dos pais com atividades e dos profissionais que realizam atendimentos regulares com ele na APAE do município, ele está conseguindo muitos avanços na aprendizagem.

De acordo com os pais do aluno com TEA, o diagnóstico ocorreu quando ele tinha dois anos e meio. A descoberta ocorreu porque teve um problema muito grande de adenóide, que prejudicou a sua audição, precisando colocar um dreno no ouvido e retirar a adenóide do nariz.

Depois dessa cirurgia a gente começou a notar que mesmo assim ele não começou a falar, com um atraso bem grande na fala, ele não tem nenhuma estereotipia, então foi só o atraso da fala que nós notamos. (FALA DOS PAIS DO ALUNO COM TEA)

Brites, C.; Brites, L. (2019) destacam a importância de se descobrir cedo o autismo para que tanto os familiares e a própria pessoa com o transtorno estejam preparados para as instabilidades que irão ocorrer, as autoras ressaltam que a

identificação precoce e a aprendizagem de como trabalhar corretamente com essas crianças, é a principal forma de alcançar os avanços desejados.

Os pais relataram que perceberem que o filho tinha algum problema pela ausência da fala:

Como a gente já levava ele na otorrino que foi a que fez a cirurgia, ela também começou a cuidar quantas palavrinhas ele conseguia falar e o que ele não conseguia, e como eu trabalho também em escola especial eu comentei com as minhas colegas e elas fizeram uma avaliação com ele, a “fono” fez uma avaliação, a psicóloga e a estimuladora precoce e daí já foi encaminhado pra neuro (FALA DOS PAIS).

Segundo a AMA (Associação de Amigos do Autista) quanto mais cedo for iniciado o acompanhamento da criança, melhor pode ser o desenvolvimento da mesma, o diagnóstico é essencialmente clínico, realizado por meio de observação do comportamento do paciente e de conversas com os pais ou responsáveis. Ainda, segundo a AMA por volta dos 18 meses os característicos sintomas do TEA já estão visíveis, sendo possível um diagnóstico.

De acordo com o atraso da fala os pais já esperavam que ele tivesse algum problema, porque esse atraso era muito grande, a interação e o contato visual, também, eram pouco. Com o diagnóstico e a estimulação, em casa, perceberem algumas mudanças no comportamento:

Acho que para toda família, é um como eu posso dizer, é um susto, aquele luto que tu passas por aquele filho perfeito, ninguém aceita, “ah a família não aceita”, não é que a gente não aceita, ninguém espera, a gente idealiza aquele filho perfeito, aquele filho que vai falar, aquele filho que vai interagir super bem, daí quando a gente recebe a notícia de um filho autista, tu leva o choque e aquele filho, bem dizer aquele filho perfeito morre, é aquele luto que tu passa. (FALA DOS PAIS)

Como trazem os autores Borges e Werner (2018) é de fundamental importância que os pais das crianças com espectro sejam ouvidos e respeitados. A parte do acolhimento e de ter essa sensibilidade nas escolas cabe aos professores. “Muitas famílias lidam com uma carga de stress diário que é equivalente a uma situação de guerra. Elas são responsáveis pelos tratamentos, pelas noites mal dormidas, pelas preocupações com o futuro, esta já é uma carga pesada demais” (BORGES; WERNER, 2018, p.30).

Para os pais as interações sociais em casa, com a família ocorrem no tempo dele. A mãe afirma que a interação maior é com ela, com o pai e com os avós. “Ele é bem arteiro, então, a interação dele agora é muito boa”. (FALA DOS PAIS).

“Quanto maior o conhecimento acerca do autismo por parte das pessoas que interagem com tais crianças, maiores serão as possibilidades de

intervenções mais precisas e, portanto, mais eficazes” (GUIMARÃES, 2017).

Sobre seus gostos e interesses, relataram que a cozinha chama sua atenção e os brinquedos de quebra-cabeça:

Ele gosta de cozinhar, ele gosta de fazer as comidinhas, ele tem um fogão, então acho que a brincadeira mais restrita dele, que ele gosta mais é a cozinha, de comidinha, de quebra cabeça (FALA DOS PAIS).

Os autores Nogueira e Mendes (2018) enfatizam que é necessário apoiar essas crianças com intervenção precoce suficiente para que possam usar estratégias básicas para aprender de forma independente, mútua e feliz em seu próprio potencial e singularidade.

Quando perguntado sobre limitações sócio comunicativa ou comportamental, os pais relataram que hoje, ele já pede que quer água, ou já aponta e até o que a gente não dá para ele, ele já pega, então nessa área da comunicação, de pedir, de amostrar, de dizer que não quer, mas foi bem difícil até chegar ao hoje, relatam os pais.

Se mantivermos a criança com TEA sem a estimulação adequada, ou seja, se esperarmos, por exemplo, “a fala vir em seu tempo” (que é uma argumentação frequente ainda hoje, dentre alguns profissionais de saúde), ela passa a perder oportunidades de aprendizado a todo tempo. Ela pode estar aprendendo uma série de coisas em seus interesses específicos, por exemplo, observando atentamente e por horas a fio a água correndo da mangueira, experimentando a pressão da água, a relação com refração da luz, etc., porém, essas são informações pouco partilháveis socialmente (NOGUEIRA; MENDES, 2018, p.99).

Já sobre a estereotipia, segundo os pais ele não tem, ele andava em círculos com bastante frequência, atualmente não há mais esses círculos, também andava nas pontas dos pés algo que hoje também já não é costume, ele faz fisioterapia o que já ajudou bastante na sua regulação de andar na ponta dos pés.

Ele gosta muito de sua rotina, o banho tem que ser com o pai, para almoçar a gente tem que almoçar na mesa todos juntos, tem que ser daquele jeito, mas se nós saímos daquela rotina tranquilo, ele vai tranquilo (FALA DOS PAIS).

Bianchi (2017) traz alguns comportamentos que são comuns entre a maioria dos indivíduos que possuem o TEA, como por exemplo: o retraimento e isolamento diante das outras pessoas, a falta de contato visual direto, a resistência ao contato físico, a resistência ao aprendizado, a falta da demonstração de medo diante de reais perigos, comportar-se como se fosse surdo, as birras, o desconforto com mudanças na rotina, agitação excessiva, calma excessiva, apego exagerado por

objetos, movimentos repetitivos, sensibilidade a barulhos e falta de interesse por brincadeira de faz-de-conta.

4.2 A ENTRADA NA ESCOLA DE UM ALUNO COM TEA

4.2.1 Para os Pais

A entrada na escola, bem como a sua adaptação foi bem tranquila, não chorou para ficar na escola. A turma que ele frequentou era de grande número:

As professoras estavam com uma turma muito grande, onde tinham crianças que choravam muito, então elas me pediram uma monitora para conseguir fazer um trabalho com ele, mas ele era bem tranquilo, pena que durou pouco a escola né, foi um mês só de escola, ele estava adorando, se adaptando super bem. (FALA DOS PAIS)

Guimarães (2017) destaca que quando a inclusão é implementada com sucesso a interação social das crianças com TEA em sala de aula comum pode ser muito boa. A socialização com os colegas, em sala de aula, proporciona uma sensação de bem-estar e um avanço significativo na compreensão das situações propostas pelo professor, seja algo simples ou algo mais complexo.

Para os pais o curto tempo na escola, em função do Covid-19, perceberam que houve avanços na comunicação, na interação, as brincadeiras evoluíram bastante.

Ele adora fazer uma atividade. Todo dia de manhã a gente faz uma atividade dentro de casa, aí de tarde a gente já faz uma atividade fora de casa, um circuito, alguma coisa, mas todo dia ele tem que ter uma atividade para ele. (FALA DOS PAIS)

Para Gonzaga e Borges (2018, p. 184) “a educação da criança com transtorno do espectro autismo é um desafio possível”. Apenas sua forma de compreender o mundo é diferente da forma da maioria das pessoas. “Neste sentido, a tão almejada “educação para todos” precisa se organizar de forma a reconhecer as especificidades dos sujeitos, as características singulares de “cada um” (GONZAGA E BORGES, 2018, p. 184).

Em função da pandemia, procuramos estimulá-lo com alguns comandos com e sem ajuda. Todos os comandos que ele recebe ele faz, tanto eu pedindo, ou o pai.

O pai pede bastante para ele pegar a colher, o copo, ele vai e pega, vamos tomar banho, tira o chinelo, ele já faz todos os comandos que a gente pede, a gente tenta deixar ele fazer sozinho para ele ter uma autonomia. (FALA DOS PAIS)

Os autores Nogueira e Mendes (2018) enfatizam que é necessário apoiar essas crianças com intervenção precoce suficiente para que possam usar estratégias básicas para aprender de forma independente, mútua e feliz em seu próprio potencial e singularidade.

4.2.2 Para a professora

A professora relata que o aluno é um autista clássico, uma criança bem difícil porque é bem seletivo. Para se ter uma interação com ele tem que partir do que ele está interessado,

Ele não se interessa por muitos brinquedos entende, é um brinquedo que ele gosta, ele seleciona aquele brinquedo. Como eu trabalhei com ele todo o ano passado e ele faltou bastante também, de repente não teve todo o trabalho que deveria ter sido feito, e como esse ano a gente já começou com a pandemia. Mas eu acredito que o pior é a questão interação quanto ao terapeuta com ele, mas isso é normal por causa do autismo. Ele interage pouco, porque eu tenho ali uns 3 autistas e eu tenho pouca interação, mas eu tenho e com ele eu não consegui fazer uma interação, pelo pouco tempo, porque isso demanda um tempo grande, não é de duas, três sessões que tu vai conseguir uma interação, tu tem que cativar, tem que dar sequência, então a maior dificuldade é eu me aproximar um pouco mais dele, mas isso requer mais segurança, mais tempo de trabalho. Ele tem potencial, ele é inteligente, eu percebo que ele tem uma inteligência porque ele é bem seletivo, e ele pega tudo no ar, ele é muito inteligente. (FALA DA PROFESSORA)

A professora destaca que por vezes, fica difícil para os que convivem com esse autista entender suas reações, pois em diversas vezes ele se fecha no seu mundo, se afastando da realidade “As interações sociais da pessoa com TEA são permeadas por dificuldades, pois o seu desenvolvimento emocional apresenta-se instável, ora com risos ora com choros inesperados” (GUIMARÃES, 2017).

4.3 DESAFIOS DE UMA PROFESSORA AO RECEBER UM ALUNO COM TEA

A professora inicia a entrevista relatando que é apaixonada pelos transtornos do espectro autista e da Síndrome de Down, por desafiá-la a estar estudando, procurando materiais, estratégias que a aproxime de alunos com essas especificidades.

(...) a gente quando recebe o diagnóstico, até mesmo antes de receber a gente já tem uma noção do que é o autismo, então para mim o desafio maior é tentar com que aquela criança se aproxime um pouco para poder fazer uma terapia, mas o meu desafio sempre é tentar trabalhar com aquela criança, não sinto nem uma angústia, não me preocupo muito na questão diagnóstico, o meu desafio maior é tentar fazer com que eu trabalhe com ela para que se desenvolva, (FALA DA PROFESSORA)

De acordo com a professora o diagnóstico é meramente um papel, que o foco deve ser na e em como se vai trabalhar com ela.

(...) o diagnóstico para mim, às vezes, não é nem necessário porque quando tu observa uma criança, a gente de tanto trabalhar, já fazem 20 anos que eu trabalho, então a gente já sabe mais ou menos a questão do autismo, de vários transtornos né, mas eu não sinto nenhuma dificuldade, claro que alguns momentos te angustia quando não avança (FALA DA PROFESSORA).

As professoras possuem um papel essencial para assegurar a inclusão das crianças (FERREIRA, 2017). Para a pesquisadora, é necessário que elas tenham meios de ensinar que funcionem para que essa criança aprenda e se desenvolva realmente. “Deve-se aproveitar o máximo possível de tempo que a criança/adolescente passa na escola para trabalhar as habilidades importantes para sua evolução” (BARBOSA; ANDRADE, 2018, p. 132).

4.4 INCLUSÃO SOCIAL DE UM ALUNO COM TEA NA ESCOLA

Para compor a discussão desse subcapítulo se levou em consideração a entrevista realizada com a professora por entendermos que, durante o ano letivo de 2019, foi a profissional que mais contato teve com ele, conseqüentemente suas experiências na condução do caso estudado serão importantes para discussão acerca da inclusão social de um aluno com TEA.

Segundo a professora, ela partia do interesse, do estado emocional que ele se encontrava:

Vamos supor, eu percebia que ele gostava muito da questão de cozinhar, de mexer com panelas, então eu colocava a disposição em mais de um lugar, pra ver se ele ia procurar, sempre partia do interesse dele. (FALA DA PROFESSORA)

A professora relatou que às vezes até tentava trabalhar mais de uma atividade, mas não dava certo.

Como eu queria trabalhar a questão da parte mais tátil, a questão da parte mais visual, de um livro, mas geralmente não dava certo. Por semana eu fazia assim, distribuía os dias que ele ia lá, distribuía assim, hoje eu vou trabalhar só parte visual, outro dia só a questão motora, mas às vezes não dava certo, aí para mim poder fazer eu tinha que esconder o brinquedo de interesse dele, mas daí eu não tinha resultado, então eu pegava e partia do brinquedo dele, eu inseria outro para mim tentar fazer com que ele desenvolvesse o que eu queria. (FALA DA PROFESSORA)

Ferreira (2017) traz que é função da escola fazer um trabalho pensando no desenvolvimento integral das crianças “rompendo, portanto, com padrões que

classificam e predeterminam as possibilidades de desenvolvimento das crianças a partir de suas supostas limitações” (FERREIRA, 2017). A pesquisadora ainda ressalta que o preparo do professor para lidar com o aluno diagnosticado com autismo é essencial, “especialmente na etapa da Educação Infantil, que prima pelo desenvolvimento motor, cognitivo, pela socialização, desenvolvimento de habilidades e promoção da autonomia” (FERREIRA, 2017).

Percebe-se na fala da professora a dificuldade de variar os conteúdos e as habilidades pelo tipo de comportamento apresentado pelo sujeito da pesquisa. Características que são anunciadas por Abi-Habib (2018, p. 145) quando traz que:

O professor precisa lidar em sala de aula com alunos que apresentam dificuldades de interação social, a dificuldade com o novo, hipersensibilidades, hiper foco em áreas restritas de interesse, interpretação literal da comunicação oral e escrita, entre outras, dificuldade de acessar conceitos muito subjetivos, objetividade das respostas, dentre outros (ABI-HABIB, 2018, p.145).

“E se o professor não tiver conhecimento sobre essas características, pode comprometer a avaliação e o desempenho da vida escolar desse aluno” (ABI-HABIB, 2018, p. 145).

A fala da professora nos remete a pensar sobre os conteúdos desenvolvidos, se são iguais para todos os alunos ou diferentes para cada um. Segundo a professora são três atendimentos para cada criança, nem sempre é o mesmo dia.

Eu sempre tenho que pensar naquele aluno o que vai fazer aquele dia, mas nunca é igual porque eles não tem o mesmo interesse, tu vai desenvolver com cada um o que está em defasagem, o caso estudado apresenta defasagem na linguagem, vamos supor, então eu vou trabalhar a defasagem linguagem, a questão do toque, todos tem problema com o toque, então isso é uma questão que tu vai trabalhar, da questão de se aproximar, isso eu trabalho com todos, mas nem sempre, é raro eu trabalhar com a mesma linha com todos porque cada um tem uma defasagem, tudo é diferente de cada um. (FALA DA PROFESSORA)

Gonzaga e Borges (2018) destacam que alguns professores costumam passar atividades que já foram dadas nos anos anteriores para os seus alunos com autismo, dando-lhes conteúdo sem planejamento, como por exemplo: desenhos para colorir, só para passar o tempo. Os referidos autores ainda destacam que essas atividades quando não planejadas, não correspondem à adaptação ou flexibilização curricular, esclarecem que “flexibilizar o currículo é levar em conta as capacidades do aprendiz e não as desconsiderar. E para conhecer as capacidades

do aluno é essencial realizar uma avaliação pedagógica” (GONZAGA E BORGES, 2018, p. 166).

De acordo com o autor e a fala da professora percebe-se que o planejamento das atividades é realizado conforme o interesse que a criança autista apresenta naquele dia, que poderá ser diferente em outro dia.

Em relação a sua socialização e interação com os colegas, a professora relata que no início ele queria mexer em tudo, não focava, não parava. Queria fazer tudo, subir na mesa, apresentava um comportamento bem difícil, mas tudo foi sendo organizado aos poucos conforme o tempo dele.

Eu fui organizando, colocando sentado, eu tirava da mesa, foi bem difícil, porque assim, como eu também participava da vida dele fora da escola, percebia também que ele tinha essa questão de só correr, de não se sintonizar, é difícil, porque se a gente não organizar, que ele foque que a mesa não é pra subir em cima, se tu começar a passar andando só atrás dele, ele vai querer só correr, porque aquilo ali nada mais é do que o brinquedo dele. Não é que ele queira só fazer anarquia ou coisa parecida, aquilo ali para ele é normal. (FALA DA PROFESSORA)

De acordo com a professora, crianças autistas têm bastante problema na questão de centralização, de concentrar, então foi bem difícil no início, ele queria sair todo o tempo da sala, isso foi quase um mês para que conseguisse organizá-lo.

Depois, claro que a terapia também é eu concentrar em sala de aula, mas depois tu começar a introduzir brinquedos, por exemplo também um giz de cera, isso aí foi tempo, tudo é lento, com o autista tu tem que ter na tua cabeça que tudo é um dia após o outro, tem dias que tu vais chegar na sala e não vai conseguir fazer nada, porque ele vai estar diferente (FALA DA PROFESSORA).

Para a professora compreender que aquele dia não funcionou e tentar ter a calma e retornar de novo, tem que se o foco. Organizar, tudo para fazer com que ele pense que tem que ir se organizando, brincou, organiza, mas foi bem difícil, ele estava bem ansioso, mas é porque era início, a descoberta. Mas agora ele já está bem mais concentrado:

O professor precisa lidar em sala de aula com alunos que apresentam dificuldades de interação social, a dificuldade com o novo, hipersensibilidades, hiper foco em áreas restritas de interesse, interpretação literal da comunicação oral e escrita, entre outras, dificuldade de acessar conceitos muito subjetivos, objetividade das respostas, dentre outros (ABI-HABIB, 2018, P.45).

No ano de 2019, segundo a professora o sujeito não apresentou muita interação e desenvolvimento da linguagem. Na percepção da professora a fala não é estimulada em casa porque os pais tentam adivinhar tudo que ele pede ou fala.

Ele não vê necessidade de falar pois eles (os pais) adivinham muito, dão tudo que ele quer, não fazem a necessidade de ele falar, as vezes eles como são seletivos, a questão da linguagem é bem complicada, não é que eles não sabem falar, eles não querem. (FALA DA PROFESSORA)

A professora ressalta que trabalhou pouco tempo com ele, período da fase de negação, de ir para os médicos, ele veio pouco na escola, até a família aceitar.

Tem toda aquela questão, ele participou pouco da escola, faltava bastante, mas pelo pouco tempo, acredito que se ele fosse mais seguido de repente poderia ter desenvolvido um pouco mais. Ele só vai falar quando ele quiser, é muito interessante essa linguagem, e tem crianças que não vão falar, porque eles não querem, eles se negam a falar, a questão do autismo é bem complicada. No momento que ele se negar a falar, ele não vai falar, não porque ele não saiba, mas porque ele não quer. (FALA DA PROFESSORA)

Conforme a professora tem que partir dele o interesse em falar, mesmo sendo estimulado, a necessidade deve partir dele, de pedir uma água que seja, não deixar tudo onde ele possa pegar, assim sentirá a necessidade de pedir para alguém.

Se mantivermos a criança com TEA sem a estimulação adequada, ou seja, se esperarmos, por exemplo, “a fala vir em seu tempo” (que é uma argumentação frequente ainda hoje, dentre alguns profissionais de saúde), ela passa a perder oportunidades de aprendizado a todo tempo. Ela pode estar aprendendo uma série de coisas em seus interesses específicos, por exemplo, observando atentamente e por horas a fio a água correndo da mangueira, experimentando a pressão da água, a relação com refração da luz, etc., porém, essas são informações pouco partilháveis socialmente (NOGUEIRA; MENDES, 2018, p.99).

Na concepção da professora a criança autista consegue aprender os conteúdos escolares conforme os que mais chamam a sua atenção:

Pra mim o autista vai aprender com certeza, só que assim, tem autista que é mais da matemática, tem o autista que é mais da questão da geografia, e a questão do treinamento, acredito em uma alfabetização, mas ele é treinado a aprender aquilo, só que assim eu não acredito em uma alfabetização total, essa total eu não acredito, não vi nada ainda, eu acredito que ele vá ter condições, só que não acredito em uma completa, porque tem muita coisa para organizar, a questão da alfabetização eu acho bem delicada, tem que ter treino. (FALA DA PROFESSORA)

E sobre a inclusão acredita que deve ser feita, mas será partir dos 6, 7 anos que a criança com TEA. Para a professora deve haver o atendimento diferenciado que permita a criança aprender a se organizar, entender os comandos do professor e o convívio com outros.

Não adianta pegar uma criança autista e inserir em uma escola regular sendo que ele não estará organizado, pois ele terá que se organizar, se adaptar, vão ter muitas coisas para fazer onde tem mais alunos e o profissional não é que não queira dar uma atenção melhor, muitas vezes não tem condições. E essa função de ter um auxílio ou uma monitora, acabam que não tem uma orientação certa, pois geralmente uma monitora

não tem um conhecimento real do autismo, aí ele não faz nada e fica meramente sentado em uma classe. (FALA DA PROFESSORA)

Segundo a professora a inclusão deve acontecer, em parceria com uma escola especial, pois não adianta largar um autista em uma pré-escola com várias crianças e a monitora fazendo tudo. A criança deve aprender a ser independente, desde ir ao banheiro.

Para mim quando a monitora faz tudo, não é inclusão, tão excluindo, pois não estão ensinando, mas é o que acontece, pois é o mais fácil, muito mais fácil pegar e colocar ela sentadinha no vaso, arrumar ela do que ensinar ela a tirar a roupa. Tudo isso é educação, tu vais ensinar para uma criança de pré-escola a ir no banheiro, a lavar a mão, mas como é autista, demora mais, requer mais tempo, requer um olhar diferente, isso eles não vão ter, e não é porque não querem, é porque se faz necessário uma coisa mais ligeira para poder ajudar os outros. (FALA DA PROFESSORA)

Guimarães (2017) ressalta que uma inclusão quando mal sucedida acaba causando inúmeros prejuízos para o aluno com TEA, aumentando ainda mais as chances de ocorrer isolamento, rejeição aos colegas e pouca interação social, por isso a importância do planejamento das ações inclusivas. Nesse contexto o professor deve ser capacitado e precisa do apoio de um profissional especializado para aprender a lidar com algumas situações que poderão ocorrer com o aluno com TEA em sala de aula, considerando que cada criança expressa o autismo de modo diferente. Cabe ao professor buscar meios para estimular esse aluno, buscando o seu desenvolvimento e sempre respeitando seus limites

A inclusão na escola para a professora é complexa pela sensibilidade que os alunos com TEA têm ao barulho. Quando o professor tiver alunos com TEA em sala de aula é preciso que tenha o ambiente bem estruturado, pois caso contrário essa criança pode desenvolver um comportamento instável, podendo ficar muito irritada. “Nesses momentos é necessário acalmar, reconquistar, sair do lugar ambiente que provoca a irritação para somente depois, quem sabe, trazê-las de volta, tentando outra estratégia de interação” (GUIMARÃES, 2017).

Como sugestão para futuros professores que vierem a ter alunos autistas em suas salas de aula a professora enfatiza.

Observar essa criança, esse teu aluno que chegou e cativar ele. Primeira coisa, tu tens que gostar do que tu estás fazendo, observar muita essa criança e partir do interesse dele, sempre com tranquilidade, sempre com calma. Se resolveu fazer uma determinada atividade com que ele, e não estava no seu interesse, sai de perto, ter muita calma, nunca forçar, nunca impor o que tu quer, sempre tentar trazer ele para que ele te procure, sempre chamando ele pra ti, chamando ele pra junto dos colegas, tentar

fazer a interação dele. Se tiver mais alunos, tem que sempre trazendo ele para junto com os colegas. (FALA DA PROFESSORA)

A professora finaliza explicando que não se pode tratar a criança autista como se fosse mais um na tua sala, ele não é mais um, ele é ele e mais os outros, ele tem que ser primeiro. O professor que trabalha na educação especial ele tem que ter um olho bem clínico, bem observador, tem que observar muito aquela criança, é na observação que às vezes se descobre coisas até então escondidas.

4.5 PUBLICAÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS SOBRE O ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA

Esse subcapítulo tem como objetivo elencar alguns trabalhos acadêmicos (dissertações de mestrado) que refletiram sobre o Espectro Autismo na Escola. Para a escolha dos trabalhos, a pesquisa foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foi utilizado o descritor “inclusão social de crianças autistas na escola”, no período temporal de 2015 – 2020. Foram encontrados 286 títulos. Para se chegar a uma amostra de acordo com o tema, chegou-se em 25 trabalhos. Todos esses 25 foram lidos o resumo, onde foram selecionados os resumos de 3 dissertações de mestrado para análise e discussão como segue a partir dos quadros abaixo.

Quadro 1: Resumo da dissertação de Giulia Calefi Gallo, 2016.

GALLO, Giulia Calefi	Dissertação 2016	Universidade Federal de São Carlos
Ações de professores de escolas regulares com crianças com transtorno do espectro autista		
O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem como principais características os déficits de comunicação; de reciprocidade sócio-emocional; de comunicação não verbal; e de desenvolvimento. Além disso, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; insistência no mesmo assunto; padrões ritualizados de comportamento verbal e não verbal; interesses fixos com foco ou intensidade incomuns. Apesar das pessoas com TEA serem consideradas pessoas com deficiência (Lei nº 12764) e estarem sujeitas às mesmas leis e possuem o direito a estar incluída no ensino regular, isso ainda é muito incipiente no Brasil. Tendo em vista as características do TEA e o seu impacto nas interações em sala de aula, no despreparo dos profissionais em lidar com as especificidades do comportamento da criança com TEA em sala de aula, são encontradas na literatura sugestões de Práticas Baseadas em Evidências, apontadas como eficazes no ensino da criança com TEA. No entanto, devido à falta de estudos sobre o que os		

professores fazem com as crianças com TEA quando incluídas e se usam algumas dessas Práticas Baseadas em Evidências no Brasil, o objetivo deste estudo foi identificar as ações utilizadas pelos professores de salas regulares na intervenção com crianças com TEA. Foram participantes cinco professores de duas escolas regulares com alunos com TEA incluídos. Foram realizadas seis sessões de observação da interação de cada um dos professores com as crianças com TEA, com duração média de 40 minutos cada sessão. Toda ação do professor dirigida à criança com TEA era ditada para o gravador em voz baixa. Posteriormente, as falas foram transcritas na íntegra e nessas transcrições buscou-se identificar as ações utilizadas pelos professores tendo como base um protocolo. Estas observações foram analisadas por taxa de respostas de práticas utilizadas e descrição de um dia típico de interação professor-aluno com TEA. Os resultados apontaram que os principais comportamentos emitidos pelos professores em relação às crianças com TEA foram instrução geral para a sala; pergunta direta ao aluno (fisicamente distante); pergunta direta ao aluno (fisicamente próximo); instrução direta – dica verbal (fisicamente distante); instrução direta – dica verbal (fisicamente próximo); professor(a) oferece ajuda física; professor(a) oferece dica física (envolve dica gestual e dica através de modelo); professor(a) ignora comportamento da criança; professor(a) se aproxima fisicamente da criança; “contenção” física (segura no braço/mão/perna) para a criança não sair da sala/roda/atividade. Apenas um dos cinco professores oferecia atividades pedagógicas adaptadas para o aluno com TEA. Os professores utilizam das mesmas ações independentemente das necessidades ou não do aluno. Com isto, conclui-se a necessidade em modificar os olhares perante estas crianças, viabilizando mudanças nas ações e procedimentos utilizados com estas crianças em sala de aula a fim de promover aprendizagens.

Quadro 2: Resumo da dissertação de Aline de Almeida Santos, 2016.

SANTOS, Aline de Almeida	Dissertação 2016	Universidade Federal da Bahia
Inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do espectro autista: significados e práticas.		

Esta dissertação analisa as práticas e os significados atribuídos à inclusão escolar de crianças com autismo entre os profissionais de duas escolas regulares de Salvador (BA), uma pública e outra privada, ambas consideradas referências em inclusão. A pesquisa que originou este trabalho teve natureza qualitativa e adotou, como fundamentação teórica, a abordagem histórico-cultural. Foram entrevistados 7 profissionais, entre os quais 2 professoras, 2 coordenadoras pedagógicas, 2 auxiliares de classe e 1 acompanhante terapêutico escolar. Além das entrevistas, foi realizada observação participante em duas turmas, uma de cada escola. Os resultados do estudo foram: (1) quanto aos recursos infra estruturais, pedagógicos e humanos, ambas as escolas participantes apresentaram dificuldades no cumprimento das exigências legais para o processo de inclusão. De forma geral, tanto a escola pública quanto a privada fizeram algumas adaptações na estrutura física para receber as crianças com NEE; contudo, ambas reconhecem que ainda precisam adequar o espaço para receber as crianças com diagnóstico de autismo. (2). As significações centraram-se em cinco aspectos. O primeiro deles indica que nem todos os profissionais estão envolvidos no processo de inclusão escolar. O segundo é que alguns realizam práticas pautadas em intervenções estruturadas e planejadas, enquanto outros executam ações que dificultam o processo inclusivo. (3) O terceiro aspecto centra-se nos profissionais que destacam o envolvimento emocional no desenvolvimento de práticas pedagógicas e na relação estabelecida em sala de aula com os estudantes autistas. (4). No quarto aspecto também foi mencionada pelos profissionais a necessidade de adaptação das atividades realizadas com esses estudantes, uma prática reconhecida pela professora da escola privada como importante para o avanço acadêmico dos estudantes com autismo. (5) E o quinto aspecto indica que as dificuldades vivenciadas pelos profissionais das referidas instituições de ensino derivam de suas opiniões pessoais sobre o ingresso dessas crianças nas escolas regulares. (6) As escolas não preveem estratégias inclusivas no projeto político pedagógico (PPP).

Quadro 3: Resumo da dissertação de Roberta Flávia Alves Ferreira, 2017.

FERREIRA, Roberta Flávia Alves	Dissertação 2017	Universidade Federal de Minas Gerais
Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista, na educação infantil: o desafio da formação de professoras		

O presente estudo objetiva analisar qual o tipo de formação que professoras que atuam em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), no município de Belo Horizonte, receberam na sua formação inicial e ao longo da sua trajetória profissional e como elas avaliam essa formação diante do desafio de assegurar a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A UMEI pesquisada localiza-se em um bairro da periferia de Belo Horizonte, na Região Norte da cidade. Como metodologia de pesquisa, elegeu-se uma abordagem qualitativa, empregando-se estudo de caso. Realizou-se um levantamento bibliográfico e documental, na busca de conceitos e documentos legais e normativos em âmbito internacional, nacional e local essenciais para a construção teórica. Como técnica de pesquisa, utilizou-se o questionário, a entrevista e a entrevista coletiva. Entre as análises realizadas, destacou-se o reconhecimento de que cabe à professora da Educação Infantil, promover e/ou facilitar a interação da criança com autismo com seus pares. Foi identificada a necessidade de as professoras aprofundarem a compreensão sobre as necessidades educativas e de aprendizagem, tendo acesso a cursos de atualização e materiais adequados para atividades específicas direcionadas a crianças autistas. Constatou-se que as professoras não se sentem preparadas para atuar junto a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em razão de desconhecerem particularidades da deficiência e de não terem recebido formação específica sobre a inclusão de crianças com TEA. Tendo em vista o despreparo e insegurança relatados pelas professoras para atuarem com crianças com autismo e em razão da ausência de cursos de formação continuada que supram estas carências, confeccionou-se uma cartilha para auxiliar as professoras que têm alunos com autismo em suas turmas a compreender mais sobre a deficiência e maneiras de intervir pedagogicamente junto a estas crianças. Ao final do estudo concluiu-se que, para que a inclusão realmente ocorra, não basta meramente assegurar as matrículas de alunos com deficiência no ensino regular. Sem a adequação curricular, planejamento educacional individualizado, recursos pedagógicos específicos e, principalmente, formação contínua de professoras, a inclusão não se efetiva.

As dissertações apresentadas acima de autoria de Gallo (2016), Santos (2016) e Ferreira (2017) apresentam muitas semelhanças, cada uma tem suas particularidades, mas as três estão preocupadas em salientar como está acontecendo à inclusão de crianças com TEA nas escolas de ensino regular, trazem como ponto principal o despreparo que a maioria dos professores apresentam em relação a essa inclusão. Isso se dá, na maioria das vezes pela falta de formação adequada das professoras para atuar com essas crianças, pois no curso de Pedagogia são muito escassos os conhecimentos teóricos e práticos para atuar com crianças com alguma deficiência. Outro ponto que pode dificultar bastante a inclusão é a má qualidade da infraestrutura da escola, as quais na maioria das vezes não são adequadas para receber crianças autistas, na dissertação de Santos (2016) ela traz

também a falta de materiais facilitadores para se trabalhar com a criança com TEA e o número excessivo de alunos em sala de aula.

Gallo (2016) observou em sua pesquisa as atividades realizadas em cinco salas de aula, sendo três de ensino fundamental e dois de educação infantil, buscando analisar o que era proposto para a turma, o que era proposto para a criança com TEA e o que de fato a criança conseguia realizar, onde foi constatado que apenas um dos professores de ensino fundamental proporcionava atividades adaptadas para o seu aluno “oferecendo conteúdo similar ao trabalhado com o restante da sala, mas com execução de forma adaptada”. Já os professores da educação infantil, nenhum dos dois oferecia atividades diferenciadas ou adaptadas para os alunos incluídos. “As professoras possuem um papel essencial para assegurar a inclusão das crianças” (FERREIRA, 2017) e por isso, para a pesquisadora é necessário que elas tenham meios de ensinar que funcionem para que essa criança aprenda e se desenvolva realmente. “Deve-se aproveitar o máximo possível de tempo que a criança/adolescente passa na escola para trabalhar as habilidades importantes para sua evolução” (BARBOSA; ANDRADE, 2018, p. 132) os autores ainda ressaltam que as intervenções feitas podem ser muito positivas, levando em conta que a escola proporciona oportunidades práticas para o desenvolvimento de importantes habilidades para a interação com a sociedade. A criança passa cerca de metade do dia na escola, sendo imprescindível aproveitar esse tempo para estimular o desenvolvimento desses alunos.

Santos (2016) como está enfatizado no resumo da dissertação realizou entrevistas com 7 profissionais, 2 professoras, 2 coordenadoras pedagógicas, 2 auxiliares de classe e 1 acompanhante terapêutico escolar e ainda uma observação participante foi realizada, em turmas e escolas diferentes. Dos profissionais envolvidos na observação, pode-se perceber que a auxiliar desenvolve uma atuação muito benéfica para a integração dos dois alunos com autismo que estão matriculados na turma.

De acordo com Santos (2016) as práticas realizadas pela auxiliar da professora regente, foram importantes no processo de inclusão da criança com TEA na escola. Porém, em contraponto, a professora da turma não era uma facilitadora nesse processo, um exemplo é quando a pesquisadora destaca que durante uma atividade um por um dos alunos é chamado, menos as crianças com TEA, que fica andando pela sala sem nenhuma atividade para realizar. Guimarães (2017) resalta

que uma inclusão quando mal sucedida acaba causando inúmeros prejuízos para o aluno com TEA, aumentando ainda mais as chances de ocorrer isolamento, rejeição aos colegas e pouca interação social, por isso a importância do planejamento das ações inclusivas. Nesse contexto o professor deve ser capacitado e precisa do apoio de um profissional especializado para aprender a lidar com algumas situações que poderão ocorrer com o aluno com TEA em sala de aula, considerando que cada criança expressa o autismo de modo diferente. Cabe ao professor buscar meios para estimular esse aluno, buscando o seu desenvolvimento e sempre respeitando seus limites.

Na outra escola, campo de pesquisa, tinha um acompanhante terapêutico o qual desempenhava um papel fundamental com a criança autista, que tinha um grau severo de autismo. O acompanhante tentava de todas as formas envolvê-lo na vida social da escola, as práticas inclusivas desenvolvidas por ele, proporcionavam a participação do menino nas atividades, Gonzaga e Borges (2018) trazem a importância de ser feito um diagnóstico pedagógico, para que assim seja possível saber se “as alterações curriculares deverão ser de grande porte ou de pequeno porte” (GONZAGA; BORGES, 2018, p. 168). Essa primeira avaliação dirá se o aluno precisará ou não de um mediador, “o profissional de apoio que está previsto na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), sancionada em 2016” (GONZAGA; BORGES, 2018, p. 168). Os referidos autores ressaltam que “nem toda criança necessitará de mediação, algumas necessitarão por um período, outras ainda, por todo o percurso escolar”. Segundo os autores o mediador sempre que achar possível deve reduzir o nível de suporte dado à criança, para que ela possa assim aprender a ter autonomia.

Ferreira (2017) em sua pesquisa aplicou questionários e realizou entrevistas, procurando identificar como as professoras se sentem despreparadas para atuar com crianças que apresentam o transtorno, por não receberem formação específica. As professoras se sentem muito inseguras em trabalhar com esses alunos, destacando a necessidade de cursos de formação continuada que venham suprir essas carências. Guimarães (2017) traz que os docentes reconhecem e trazem a formação continuada como necessária para que haja uma melhora nas interações sociais por parte das crianças com TEA e seus professores e colegas.

Buscando responder ao problema, a partir de uma análise dos destaques feitos acima, acredito que a maioria das escolas não está contribuindo totalmente, como deveria ser para que a inclusão realmente aconteça e não fique apenas na

inserção. É preciso que os professores recebam formação adequada e específica para atuar junto a essas crianças, recebendo auxílio quando necessário de um profissional capacitado e não apenas para realizar o assistencialismo. Também, as escolas precisam de adaptações para receber essas crianças e disponibilizar materiais que sejam efetivos na aprendizagem desses educandos. A adaptação deve partir da escola e não do estudante, a qual necessita repensar suas formas de atuação.

5. CONCLUSÃO

Buscando responder à questão problema desta pesquisa “A escola como campo de interações sociais está contribuindo para a inclusão de crianças com espectro autista?”. Foram lidas dissertações de mestrado que apontaram que a maioria das escolas e professores não tem contribuído totalmente para que essas crianças com o transtorno sejam de fato incluídas, tanto por falta de conhecimento sobre o transtorno, quanto por falta de formação adequada. Também pode ser levada em conta a falta de preparo das escolas, tanto nos espaços físicos, quanto a falta de materiais adequados para essas crianças.

Como foi apresentado nas entrevistas e estudos das dissertações, são poucos os educadores que preparam materiais diferenciados para esses alunos, que se preocupam com suas dificuldades e especificidades, não havendo nenhum tipo de adaptação. Acredito que para que a inclusão realmente ocorra, é necessária uma parceria entre a escola como um todo e a família, a criança deve ser estimulada tanto na escola, como em casa para que tenha avanços significativos em sua aprendizagem.

Durante a pesquisa foi possível compreender como era o menino na escola, sua interação, suas limitações e quais os avanços que ele teve durante o ano com os atendimentos. Os estudos sobre o autismo foram valiosos, pois eu tinha pouca noção sobre o que era de fato o TEA e como ocorria a adaptação e inclusão dessas crianças na escola e a partir dessa pesquisa, aprofundi o conhecimento sobre o assunto.

A busca pelos repositórios digitais, leitura e seleção dos trabalhos que compuseram os resultados foram fundamentais, por fornecer discussões sobre o espectro autismo em uma perspectiva prática, e, também ter uma noção sobre como estão ocorrendo as interações das crianças com o transtorno no cotidiano escolar.

Os pais e a professora foram fundamentais, pois reverberaram o que é ter um filho com TEA e o que é ser uma educadora de crianças com esse transtorno. Relatos e falas que se entrelaçam com a teoria, e, que muitas vezes não tem respostas na teoria, mas sim na sensibilidade de buscar compreender o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com TEA, principalmente as suas interações sociais.

Enfim, quando dei início a este trabalho não imaginava o quanto esse mundo do autismo era fantástico e estimulador, aprendi muito através das leituras e com as entrevistas. Acredito que esse trabalho não se conclui aqui, é apenas o começo para outras reflexões e estudos futuros. O transtorno do espectro autista é um assunto muito amplo e como temos pouco tempo para fazer a pesquisa, procurarei futuramente estudar e me aprofundar mais no assunto.

Finalizo este trabalho de conclusão feliz pelo tema escolhido, com a certeza que enriqueceu minha formação e crescimento como futura pedagoga, pois estou ciente de que terei turmas com crianças autistas ou com algum outro tipo de transtorno ou deficiência. E certa que é necessário muito conhecimento e estudos para atender às necessidades educacionais desses alunos com TEA.

REFERÊNCIAS:

ABI-HABIB, Cynthia Prata. As políticas públicas na área da educação para a criança com Transtorno do Espectro Autismo (TEA). In: BORGES, A. A. P; NOGUEIRA, M. L. M. N. **O aluno com autismo na escola**. 1 ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2018. P. 145.

BARBOSA, D. C. B. P.; ANDRADE. A. A. Teoria da Mente no contexto escolar: estratégias de intervenção. In: BORGES, A. A. P; NOGUEIRA, M. L. M. N. **O aluno com autismo na escola**. 1 ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2018. p. 132.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIANCHI, Rafaela Cristina. **A educação de alunos com transtornos do espectro autista no ensino regular: desafios e possibilidades**. 2017. 119 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Análise de Políticas Públicas em desenvolvimento social) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017. Acesso em: 04 ago. 2020

BORGES, A. A. P; WERNER, A. Em busca do tempo perdido: a reviravolta das mães de autistas. In: BORGES, A. A. P; NOGUEIRA, M. L. M. N. **O aluno com autismo na escola**. 1 ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2018. P. 13-30

BRITES, L; BRITES, C. **Mentes Únicas**. São Paulo: editora Gente, 2019. Acesso em: 03 ago. 2020

Cartilha Institucional. **Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista**. Instituto Federal Paraíba, João Pessoa, 2017. Acesso em: 23 jul. 2020

FERREIRA, Roberta Flávia Alves. **Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista, na educação infantil: o desafio da formação de professoras**. 2017, 161 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação e Docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Acesso em 03 de nov. 2020

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALLO, Giulia Calefi. **Ações de professores de escolas regulares com crianças com transtorno do espectro autista**. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Acesso em: 23 jul. 2020

GAYATO, M.; TEIXEIRA, G. **O Rezinho Autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis**. 1 ed. São Paulo: nVersos, 2018. Acesso em: 16 jul. 2020

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZAGA, M. V.; BORGES, A. A. P. Tipos de situação de inclusão: uma nova proposta de adaptação curricular para crianças com TEA. In: BORGES, A. A. P; NOGUEIRA, M. L. M. N. **O aluno com autismo na escola**. 1 ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2018. p.163-186

GUIMARÃES, Arlete de Brito. **Interações sociais envolvendo crianças com transtorno do espectro do autismo em classes comuns: o olhar de seus professores**. 2017. 122 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em educação) - Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2017. Acesso em: 19 jul. 2020

<https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>. Acesso em: 28 out. 2020

MAY, Tim. Pesquisa social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NOGUEIRA, M. L. M; MENDES, J. M. TEA, intervenção precoce, inteligência, estamos prontos? In: BORGES, A. A. P; NOGUEIRA, M. L. M. N. **O aluno com autismo na escola**. 1 ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2018. P 85-109

SANTOS, Aline de Almeida. **Inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do espectro autista: significados e práticas**. 2016. 128 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Acesso em: 15 jul. 2020

SANTOS, Regina K. dos; VIEIRA, Antônia M. E. C. da S. **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do Reconhecimento à Inclusão no Âmbito Educacional**, 2017. Acesso em: 05 nov. 2020

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro das entrevistas

Para os pais:

1. Com quantos anos seu filho foi diagnosticado com Autismo? Como foi a descoberta?
2. Como você percebeu e o que fez para procurar ajuda?
3. Como lidaram com a situação, ao saber que ele era autista?
4. Como são as interações dele em casa?
5. Quais os gostos e interesses de seu filho?
6. Seu filho tem alguma limitação sociocomunicativa ou comportamental? Se sim, como você lida com isso?
7. Seu filho possui algum hábito ou tique?
8. Como foi a entrada na escola? Adaptação?
9. Você percebe avanços na aprendizagem do seu filho? Em quais aspectos?
10. Em casa, ele faz as atividades solicitadas? Com ou sem ajuda? Se com ajuda, quem geralmente o ajuda?

Para o professor:

1. Que desafios encontrou ao receber um aluno com diagnóstico de Autismo?
2. Como foi a interação dele com você?
3. Como você planejava as aulas para esse aluno?
4. Os conteúdos eram os mesmos do resto da turma?
5. Como era o comportamento e atitude dele em sala de aula? Ele conseguia socializar, interagir com você e colegas?
6. No que você notava que ele tinha mais dificuldade?
7. O que você notava que despertava o interesse dele?
8. Em sua opinião, como deveria ser a inclusão de pessoas com TEA?
9. Você acredita que a criança com TEA aprende conteúdos escolares? De que forma?

10. Enquanto docente você acredita que conseguiu atingir seus objetivos (ensino, aprendizagem, socialização, desenvolvimento) com ele? O que você sugeriria para os futuros professores que possam a ter alunos com TEA em suas salas de aula?

ANEXOS:

Anexo A:

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Prezado(a):

Esta pesquisa intitulada, “TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO”, será desenvolvida por meio da aplicação de metodologia qualitativa, exploratória, bibliográfica, descritiva de tipo estudo de caso.. Estas informações estão sendo fornecidas para subsidiar sua participação voluntária neste estudo que visa ser ferramenta para elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao investigador para esclarecimento de eventuais dúvidas pelo Contato: 055996754381, endereço eletrônico: jessica-moraes@uergs.edu.br.

É garantida aos sujeitos de pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos da pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Comprometo-me, como pesquisador principal, a utilizar os dados e o material coletados somente para esta pesquisa.

Anexo B:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO”. A pesquisadora responsável por essa pesquisa é Jessica Moraes da Silva, que pode ser contatada no telefone (55) 99675-4381 ou no endereço Rua Golontina Araújo Bolacel-5863, Centro, Santo Antônio das Missões e e-mail jessica-moraes@uegs.edu.br

Esse trabalho tem como objetivos: compreender como ocorreu a interação social de uma criança autista no cotidiano da escola; estudar sobre o espectro autismo; verificar o que as pesquisas acadêmico-científicas estão discutindo acerca das interações sociais de crianças com espectro autismo no cotidiano escolar; e por fim, conhecer a história de uma professora que acompanhou o processo de inclusão social de uma criança autista.

A justificativa dessa pesquisa é a necessidade de pesquisar mais sobre o Transtorno do Espectro Autista considerando que as pessoas que possuem esse transtorno geralmente acabam sendo excluídas da sociedade pelo fato de possuírem muita dificuldade em interagir e em demonstrar suas emoções. Os professores que atuam na Educação Básica precisam avançar seus conhecimentos em relação ao TEA, ampliando o repertório pedagógico em um trabalho compartilhado com as salas de recursos. É por isso que julgo importante para minha formação inicial pesquisar sobre esse tema, a partir de um estudo de caso. Poderão ser previamente agendados a data e horário para diálogos, utilizando meios digitais, tendo em vista o cenário de distanciamento social ao qual nos encontramos por causa da pandemia do COVID-19. Tendo em vista os protocolos de saúde, esses procedimentos ocorrerão por meio de plataformas virtuais: sala de aula virtual, plataforma de vídeo chamada e e-mail.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos, por envolver uma ação que será realizada de sua casa, utilizando dispositivos que tenham acesso à internet.

Todas as despesas decorrentes de sua participação nesta pesquisa, caso haja, serão ressarcidas. Danos decorrentes da pesquisa serão indenizados.

Você poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de despesa e constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para usar suas informações na produção de artigos técnicos e científicos, aos quais você poderá ter acesso. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Todos os registros da pesquisa estarão sob a guarda do pesquisador, em lugar seguro de violação, pelo período mínimo de 05 (cinco) anos, após esse prazo serão destruídos.

Normalmente, este termo de consentimento livre e esclarecido possui 2 (duas) páginas e é feito em 02 (duas) vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa. No entanto, ciente da necessidade de mantermos o isolamento social, nesta pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido será enviado por e-mail para cada participante,

e este, deverá responder à este e-mail com a seguinte colocação: “Eu, (nome do participante), aceito(ou não aceito)o termo de consentimento livre e esclarecido e (não) participarei da pesquisa.”

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Uergs (CEP-Uergs). Formado por um grupo de especialistas, tem por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade, contribuindo para que sejam seguidos os padrões éticos na realização de pesquisas: Comitê de Ética em Pesquisa da Uergs – CEP-Uergs - Av. Bento Gonçalves, 8855, Bairro Agronomia, Porto Alegre/RS – CEP: 91540-000; Fone/Fax: (51) 33185148 - E-mail: cep@uergs.edu.br.

Nome do participante: _____

Assinatura participante da pesquisa/responsável legal

Assinatura do pesquisador(a)